



PROVAS ACADÉMICAS
NA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE FORMAÇÃO AVANÇADA

Mestrado:

Neuroftalmologia

Nome do Aluno:

Edite Carla Amorim de Moraes Silva Pimentel Teixeira

Tema da Tese:

Estudo prospetivo das perturbações visuais associadas à enxaqueca

Data da Defesa:

17-04-2009

Classificação:

Bom com distinção – 17 valores

Júri:

Presidente: Prof. Doutor António Castanheira Dinis (FMUL)

Orientador: Prof. Doutor José Maria Pereira Monteiro (ICBAS)

Co- Orientador: Prof. Doutor António Castanheira Dinis (FMUL)

Vogais: Prof.^a Doutora Isabel Pavão Martins (FMUL)



RESUMO

Introdução: A cefaleia é uma queixa comum nos doentes que consultam oftalmologistas. A existência de qualquer patologia que interfira com o correcto funcionamento do sistema óptico pode resultar numa cefaleia de causa ocular.

Embora exista uma crença popular numa relação causa efeito entre erros refractivos e cefaleias em geral, são poucos os estudos publicados que demonstrem uma relação entre erros refractivos e enxaquecas. Existem também diversos estudos internacionais sobre a relação do tamanho da pupila com a enxaqueca. A maior parte dos estudos publicados aponta para a existência de uma hipofunção do Sistema Nervoso Simpático nestes doentes.

Objectivos: Fazer um estudo prospectivo das perturbações visuais numa população com enxaqueca, tentando avaliar a existência de uma relação entre erros refractivos não corrigidos, a presença de heteroforias e o desencadear de enxaquecas. Avaliar a presença de anisocoria durante a crise. Diagnosticar e classificar o tipo de manifestações visuais que ocorrem no sub-grupo de doentes com aura visual.

Métodos: Foram observados 50 indivíduos com enxaqueca que foram subdivididos em dois sub-grupos – doentes com enxaqueca com aura e doentes com enxaqueca sem aura. 52 indivíduos saudáveis foram escolhidos como grupo controlo. Todos os doentes com enxaqueca responderam a um questionário sobre as características da sua dor e nos casos em que havia aura visual típica, responderam a um segundo questionário sobre as características da aura visual. Os indivíduos de ambos os grupos foram submetidos a um exame oftalmológico completo. Os dados obtidos foram registados e comparados entre os dois grupos, tendo-se procedido à análise estatística dos mesmos, através do programa SPSS 15.0.

Resultados: Foi encontrado em maior número de casos de miopia e/ou astigmatismo nos doentes com enxaqueca. A diferença entre a média do erro refractivo esférico subjectivo, assim como a diferença entre a média do astigmatismo absoluto dos dois grupos, não apresentam diferenças estatisticamente significativas. Os resultados obtidos com a Asa de Maddox revelaram-se semelhantes entre os dois grupos. Apenas 14% dos doentes têm mais do que 4Δ de exoforia. O diâmetro pupilar médio do grupo de doentes é menor do que o do grupo controlo e esta diferença tem significado estatístico. A frequência de anisocoria do grupo com enxaqueca é maior do que no grupo controlo, mas a diferença entre a anisocoria média dos dois grupos não é estatisticamente significativa. A localização preferencial da dor foi a temporal. São mais frequentes as auras visuais bilaterais. O sintoma mais frequentemente encontrado foi a visão desfocada.

Conclusões: Não existem neste estudo dados que permitam estabelecer com certeza uma relação de causa efeito entre erros refractivos e heteroforias com a enxaqueca. Existe um maior número de casos de astigmatismo de baixo grau entre os indivíduos doentes. O diâmetro pupilar médio dos doentes com enxaqueca é menor do que no grupo controlo.

Palavras chave: Enxaqueca; erros refractivos; heteroforias; pupila; aura visual.